



## **Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: Provocações de uma visão crítica, espiritual e afirmativa da vida<sup>1</sup>.**

Elydio dos Santos Neto<sup>2</sup>

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

NPHQ – Núcleo de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos (USP)

**Resumo:** Este trabalho inicia apontando o quadro de transformações culturais em processo e, em seguida, justifica a escolha, para análise, da obra de Gazy Andraus como representativa dos quadrinhos poético-filosóficos no Brasil. Mostra, então, o que entende por quadrinhos poético-filosóficos. A partir daí apresenta um rápido esboço biográfico de Gazy Andraus e identifica as características principais de sua obra. Analisa sua HQ *Hurizen*, de 1990, concluindo que a obra do autor pode trazer interessante contribuição para os processos de constituição “do si mesmo” neste momento de transformações culturais que vivemos.

**Palavras-chave:** Quadrinhos Poético-Filosóficos; Gazy Andraus; Fanzines; Holismo; Paradigma da Complexidade.

### **1. Introdução**

Tempos de transformações culturais, como este no qual vivemos, são tempos em que todos os segmentos da cultura têm diante de si a tarefa de construir novas respostas aos problemas presentes. Respostas que ajudem a vislumbrar novos caminhos. É assim também para a arte, para a filosofia, para comunicação e para a educação. Este trabalho explora, nas histórias em quadrinhos poético-filosóficas, em especial nas de autoria de Gazy Andraus, aspectos que se constituam em contribuição ao contexto específico de enfrentamento da crise cultural que contemporaneamente vivemos.

A escolha de Gazy Andraus justifica-se pelo fato de ser este um autor que figura desde o primeiro momento entre os chamados poético-filosóficos e por apresentar uma obra consistente na perspectiva das características dos autores desta tendência. Dono de um traço “nervoso”, espontâneo, desenhando muitas vezes direto no nanquim sem esboçar, é autor de um conjunto de trabalhos elaborados na perspectiva da reflexão, do autoconhecimento, da referência aos aspectos espirituais da existência, da crítica a muitos dos valores dominantes na sociedade de hoje, da preocupação com o despertar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Produção Editorial, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela PUC/SP (1998); docente e pesquisador do Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, onde participa da Linha de Pesquisa Formação de Educadores; interessado na problemática dos novos paradigmas em educação publicou “Por uma Educação Transpessoal” (2006 – Lucerna/Metodista) e “Educação e Complexidade” (2002 – Editora Salesiana Dom Bosco); é pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos da USP; [elydio@gmail.com](mailto:elydio@gmail.com).

da consciência cósmica e da profunda interdependência que perpassa todos os viventes no planeta Terra. Dele diz Henrique Magalhães (2001b, p. 8):

Inspirado nos quadrinhos franceses da década de 1970, em particular da geração da inovadora revista *Métal Hurlant* e de autores como Druillet e Caza, Gazy Andraus tem desenvolvido uma das mais consistentes e inquietantes obras voltadas para os quadrinhos poéticos. Dos artistas que produzem esse gênero de quadrinhos, ele é mesmo o mais visceral, o mais espontâneo e intuitivo.

Os desenhos de Gazy fluem de idéias nem sempre pré-concebidas. Um mergulho em suas meditações faz jorrar um vigoroso traço, ao mesmo tempo denso e caligráfico. Não há esboço em sua arte. Qualquer traço já é o definitivo, já é a arte-final. O resultado é que texto e traço, idéia e grafismo compõem imagens de forte expressividade e coerência.

## 2. As HQ do gênero poético-filosófico no Brasil

Desde o final da década de 1980 um grupo de artistas no Brasil vem elaborando uma produção no campo dos quadrinhos chamada por alguns de quadrinhos poéticos, como é o caso da preferência de Henrique Magalhães (2000, p. 17; 2007), por outros de quadrinhos poético-filosóficos (Franco, 1997, p. 54) e, por outros ainda de fantasia filosófica<sup>3</sup> (Henrique Torreiro, organizador da Xornadas de Banda Deseñada de Ourense – Espanha – e da Expofanzines, catálogo de 1997, p. 15). São representantes significativos deste grupo de artistas: Flávio Calazans<sup>4</sup>, Henry e Maria Jaepelt, Wally Viana, Edgar Franco, Gazy Andraus, Joacy Jamys e Antonio Amaral.

Henrique Magalhães<sup>5</sup> (2000, p.18) explicita as características das HQ poético-filosóficas e porque as classifica como história em quadrinhos de fato:

O ponto comum desses autores é a produção de quadrinhos de caráter muito pessoal, que poderemos considerar como sendo poéticos e filosóficos, pois aludem às questões mais interiorizadas de cada um. Outro elemento marcante é o rompimento com a formalidade dos quadrinhos comerciais, com a freqüente eliminação do quadro como limite espacial e pelo afluxo atípico da narrativa. (...) É certo que os quadrinhos podem prescindir do texto, mas não o contrário: não se concebe uma história em quadrinhos sem imagens. Portanto, o texto deve estar vinculado à imagem, complementando-a ou reforçando-a, sem descrevê-la literalmente. (...) Nesta categoria encaixo as histórias em quadrinhos ‘poéticas’. O texto divide com a imagem a função da

---

<sup>3</sup> É a expressão preferida por Gazy Andraus, de acordo com entrevista a mim concedida (Andraus, 2007b, p. 8).

<sup>4</sup> De acordo com Franco (1997, p. 56) Calazans pode ser considerado como um dos precursores do quadrinho de fundo filosófico no Brasil. Foi por muitos anos editor do fanzine *Barata*. Algumas de suas obras mais conhecidas são os álbuns: “Guerra das Idéias”, “Hipnose” e “A Guerra dos Golfinhos”.

<sup>5</sup> Foi o editor que lançou, no Brasil, as primeiras revistas dedicadas exclusivamente aos quadrinhos poético-filosóficos. Natural de João Pessoa, Paraíba, onde criou, em 1975, a personagem de HQ “Maria”, publicada em tiras diárias em diversos veículos no Brasil e em Portugal. Fez Mestrado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e Doutorado na Universidade de Paris VII, ambos com estudos dirigidos aos fanzines de histórias em quadrinhos. Atualmente é professor do Curso de Comunicação Social na UFPB. Dirige a editora Marca de Fantasia ([www.marcadefantasia.com.br](http://www.marcadefantasia.com.br)), lançando o fanzine *Top! Top!*, as revistas *Mandala*, *Quiosque*, *Maria Magazine* e a coleção *Corisco*, além de álbuns e livros sobre quadrinhos e cultura alternativa.

comunicação, tornando-se inseparáveis e complementares. Como ocorre, aliás, com as melhores histórias em quadrinhos, de qualquer gênero. Não resta dúvida, portanto, que os ‘poemas ilustrados’ são histórias em quadrinhos e formam um gênero à parte, os “Quadrinhos Poéticos”. Nele, o autor trabalha sua subjetividade, aguçando a percepção do leitor e propondo novas formas de leitura. Uma leitura centrada na imagem que eventualmente é complementada pelo texto, que por sua vez apresenta-se repleto de subjetividade.

Magalhães ressalta o caráter pessoal da elaboração dos artistas de quadrinhos poético-filosóficos, daí a dificuldade de tais autores em encaixarem-se nas publicações comerciais, caracterizadas por personagens padronizados e que não dependem da troca de roteiristas e desenhistas para manterem suas identidades, fator que, como sabem os editores, tem forte influência nas vendas. O mesmo autor (2001a, p. 19) destaca ainda o aspecto reflexivo como sendo uma das mais fortes características deste gênero de quadrinhos:

Os quadrinhos ditos poéticos têm como princípio a liberdade de expressão incondicional visto que fluem da subjetividade mais intrínseca do autor. Mais que qualquer outro gênero de quadrinhos, os poéticos, procuram traduzir as reflexões, os questionamentos, as inquietações do artista de uma forma muito pessoal e diferenciada do senso comum. Isto é o que torna o poeta por vezes um visionário, um sujeito que enxerga outras nuances da realidade. (...) Não é o caso de se afirmar que os quadrinhos poéticos devam proporcionar uma leitura fácil e não exijam algum nível de reflexão do leitor. Isto seria uma negação do próprio gênero, que tem por princípio o exercício da reflexão.

Em entrevista a mim concedida, Gazy Andraus embora não a negue, relativiza a influência de autores europeus – autores de HQ fantásticas como Caza, Moebius e Druillet – no processo de criação das HQ poético-filosóficas. De fato, responde Andraus (2007b) à pergunta se concorda que há influência da fantasia poética européia na produção brasileira:

Sim, mas não consciente, e nem total. Já fazíamos assim aqui. Uma de minhas primeiras HQ foi “Vil Existência”, que trazia um estilo artístico similar aos das HQ com um viés narrativo europeu. Isso sem que eu conhecesse o quadrinho europeu direito. Porém, há uma diferença básica das HQ de lá e as daqui: aqui fazemos HQ curtas, “nervosas” e mais condensadas, e lá, não. Aqui, isso acontece, acredito eu, devido às idiossincrasias de nosso povo, afeito à influência mais direta e espiritual do que noutros lugares. Mas acho que aqui elas são mais incisivas e mais diretas ao hemisfério direito do cérebro, do que as de lá.

As HQ poético-filosóficas, por seu caráter autoral e não-comercial, encontraram seu espaço mais adequado de publicação nos fanzines, mas chegaram a ter também

revistas independentes. É o caso da revista *Tyli-Tyli*<sup>6</sup> que posteriormente, a partir do número 9, passou a chamar-se “Mandala”. Ambas foram publicadas pela Editora Marca de Fantasia, tendo como editor Henrique Magalhães, que explica, em entrevista a mim concedida (2007), porque a revista “Mandala” parou de ser publicada:

Com o tempo os quadrinhos poéticos passaram a ser muito herméticos, a representar uma viagem muito interiorizada dos autores. Ao mesmo tempo, vinham embasados cada vez mais numa bibliografia centrada nas novas tecnologias. Alguns quadrinhos, para serem entendidos, tinham que trazer um texto explicativo sobre cada referência. Isto complicou demais e até tirou a força comunicativa da linguagem dos quadrinhos, que é contar uma história em seqüência. Os leitores se afastaram ou perderam interesse pelo gênero, restando um círculo de alguns autores-leitores. Apesar de minha insistência em continuar produzindo a revista, a procura foi diminuindo na medida em que aumentava o número de autores-colaboradores, o que me levou a crer que a publicação não estava saindo de seu restrito círculo. A última edição, número 13, não teve compradores, o que fez perder o sentido a continuidade de sua produção. Outro fator foi a falta de periodicidade. Como a Mandala era uma produção independente, voltada para o meio dos leitores de fanzines, a distância de uma edição a outra fez com que os leitores perdessem o interesse pela publicação. Creio que isto ocorre com todas as publicações seriadas no meio independente. Prefiro partir para a edição de livros e álbuns, que são trabalhos fechados em uma edição e não dependem de periodicidade.

As HQ poético-filosóficas, portanto, ainda são pouco conhecidas no Brasil, embora recentemente, em 2007 mesmo, a revista *Língua Portuguesa*, de São Paulo, em trabalho assinado por seu editor Luiz Costa Pereira Junior, tenha dedicado uma extensa matéria, intitulada *Poesia em quadrinhos*, ao estudo deste gênero fazendo referências ao trabalho de Henrique Magalhães como editor, e aos trabalhos dos artistas Edgar Franco, Antonio Amaral, Flávio Calazans e Gazy Andraus.

É importante, pois, deixar claro que as HQ poético-filosóficas têm como uma de suas marcas principais provocar a reflexão filosófica, não no sentido de gerar, necessariamente, textos rigorosos como na academia, mas no sentido de convocar uma reflexão mais aprofundada, na perspectiva das subjetividades de seus autores, sobre alguns aspectos da condição humana.

### **3. O trabalho de Gazy Andraus: provocativo, crítico, poético e espiritualizado.**

Gazy Andraus nasceu em 11 de janeiro de 1967 em Ituiutaba, Minas Gerais. Filho de pais libaneses foi gerado no Líbano e viajou para o Brasil no útero de sua mãe,

---

<sup>6</sup> O nome da revista é uma homenagem a uma das principais personagens de Flávio Calazans.



nascendo em terras brasileiras. Iniciou-se no desenho ainda criança, mesmo antes de aprender a ler. Aos 7 anos começou a comprar gibis e seus pais acostumaram-no à prática de comprá-los uma vez por semana, ou mais precisamente nos finais de semana. Em texto produzido para o site do IBAC<sup>7</sup> o artista conta sobre o “processo mágico” que tomava conta dele na véspera de cada compra, pois com a imaginação ficava visualizando o gibi que compraria no dia seguinte (Andraus, 2006b, p. 3). Dos 7 aos 12 anos leu gibis de humor: personagens de Walt Disney, Mad, Crás, Mortadelo e Salaminho, Cebolinha e Mônica de Maurício de Souza, Gasparzinho, Lelo, Pantera Cor-de-Rosa, Luluzinha, Bolinha, Super-Mouse, Strunfs (depois Smurfs), Alceu e Dentinho, a revista Heróis da TV, entre outros. Foi uma fase em que não tinha interesse pelos heróis de traços realistas, apenas pelos de traços infantis ou caricaturais (idem, p. 9). Outra característica desse período: desenhar muitos dinossauros juntamente com cenas onde aparecem pessoas.

Desde o início da adolescência, a partir dos 12 ou 13 anos, começou a ler gibis de super-heróis e a se interessar pelo desenho do ser humano de forma realista. Embora já conhecesse, por causa dos primos, as histórias de Mandrake, Fantasma, Homem-Aranha, e Super-Homem, é com Batman, os X-Men, e os Vingadores (Thor, Capitão América, Visão, Homem de Ferro) que sua imaginação vai ficar tocada e nos quais fará seu mergulho de leitor-desenhista. Entre 8 e 14 anos, trabalhando como *garçon* no bar e restaurante comercial de seu pai, desenhava, sem parar, monstros, super-heróis e fazia histórias em quadrinhos misturando esses elementos. Depois dos quinze anos, após a venda do restaurante de seu pai, a frequência do desenho diminuiu sensivelmente, voltando a crescer quando de seu ingresso no Ensino Superior, em 1986, na Universidade Federal de Goiás para cursar Artes Visuais. Com novos amigos e nova realidade cotidiana passou a se interessar pelas histórias de ficção científica e a apreciar melhor as capas de discos de Heavy Metal e Progressivo, continuando a ler HQ. Entre o final de 1986 e início de 1987 conheceu Flávio Calazans que foi importante para sua constituição como desenhista de tendência poético-filosófica. Nas palavras do próprio Gazy (2007a, p. 2):

(...) no final de 1986 para o início de 1987, retomei os quadrinhos. Aconteceu dessa forma: eu estava desestimulado com o curso (em Goiânia) porque havia muita greve, e também estava meio sem vontade

---

<sup>7</sup> Gazy Andraus tem uma série de artigos autobiográficos sobre sua relação com as histórias em quadrinhos que estão disponíveis no site do IBAC (Instituto Brasileiro de Arte e Cultura), cujo endereço é: <http://www.ibacbr.com.br/index.php>.

de fazer HQ com super-heróis. Então, num dos retornos a São Vicente (cidade onde resido), conheci o Flávio Calazans num sebo de Santos. Ele se apresentou e me convidou para participar do fanzine “Barata” que editava em cooperativa com seus amigos do curso de publicidade da UNISANTOS. As HQ do Barata eram bem diferentes do *mainstream*. Foi com esse estímulo que reiniciei a fazer histórias em quadrinhos, e logo na terceira HQ que fiz, meu estilo que misturava poesia e espiritualidade numa estética diferente, já principiou a aparecer.

A partir daí Gazy Andraus vai amadurecendo seu estilo de trabalho no qual se fundem intuição, imaginação e reflexão meditativa para criar uma fantasia filosófica que expresse o seu mundo interior e o desejo de criar uma realidade com maior integração e harmonia. É isto que seu traço rápido e despojado, em histórias curtas, manifesta conforme seu depoimento (2007a, p. 2).

Em 1989, com amigos da FAAP, criou o fanzine *Matrix*, que foi premiado na categoria de melhor fanzine na 1ª. Bienal de HQ do Rio de Janeiro e na premiação HQMIX do mesmo ano. A partir de 1993, junto com Edgar Guimarães, passou a publicar os próprios fanzines, destacando-se, de modo especial, a tetralogia *Homo Eternus* que reuniu trabalhos já publicados em outros fanzines e histórias inéditas. Em 1994 viajou para a Europa e para o Líbano. Nesta viagem adquiriu muitos quadrinhos europeus que serão estudados marcando ainda mais o seu estilo. No retorno continua a produção de trabalhos e sua publicação em fanzines, álbum e nas revistas Tyli-Tyli, Mandala, Quadreca<sup>8</sup>.

Andraus, além de desenhista, é também pesquisador do campo das histórias em quadrinhos. Esta formação mais sistemática iniciou-se com o seu Mestrado em Artes Visuais, defendido em 1999, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), sob a orientação do Prof. Dr. Flávio Mário de Alcântara Calazans. Sua dissertação intitula-se “Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)”<sup>9</sup> e nela se propôs a apontar as HQ autorais destinadas ao público adulto que contenham o Koan<sup>10</sup> em suas estruturas narrativas. Com o término de sua dissertação passou a frequentar o Núcleo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos da USP (NPHQ-USP) na qualidade de pesquisador. Em 2002 ingressou no Doutorado na Escola de Comunicação e Artes da

---

<sup>8</sup> Revista com HQ e artigos sobre quadrinhos, criada em 1977; é produzida no Curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/>

<sup>10</sup> Andraus refere-se aqui às HQ que têm estilo direto e intuitivo como as mensagens koânicas, utilizadas pelos zen-budistas, nas quais existem enigmas sem solução racional, enigmas estes que obrigam a mente racional a calar dando lugar à religação com o cosmo e à manifestação da consciência cósmica.

USP (ECA-USP) e fez sua defesa em dezembro de 2006, com o trabalho “As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário”<sup>11</sup>, elaborado sob a orientação do Prof. Dr. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro, coordenador do NPHQ-USP. O objetivo deste trabalho foi mostrar que as HQ podem servir de auxílio diferenciado e sistêmico na educação, em especial, na educação universitária, assumindo como referência teórica, entre outros, o pensamento triádico de Waldemar De Gregori (1999). Acumulam-se já muitos artigos sobre HQ escritos por Gazy Andraus em livros, revistas, sites especializados em HQ, jornais ou então apresentados em Congressos que acolhem as pesquisas sobre HQ, como o próprio Intercom.



Gazy Andraus, em seu estúdio em São Vicente (SP), segurando um original de sua autoria. Foto do autor, em fevereiro de 2007. Arquivo Pessoal.

No tocante ao seu desenvolvimento como artista, em entrevista a mim concedida (2007b, p. 2 ss), Gazy disse que sua arte sofreu influências de Caza naquilo que chama de sua fase cósmica, pela universalidade de suas HQ, e pela beleza poética de seus textos e imagens. Vê entre seu trabalho e o de Druillet algumas proximidades: a similaridade dos traços, a criação de histórias a partir da intuição e sem roteiro prévio. De Moebius bebeu a liberdade dos traços e a liberdade de criar roteiros distintos dos padrões narrativos das histórias de super-heróis norte-americanos. Finalmente, destaca a

---

<sup>11</sup> Disponível em: [http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/bdtd/2006/2006-do-andraus\\_gazy.pdf](http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/bdtd/2006/2006-do-andraus_gazy.pdf)

importância da obra de William Blake em seu processo formativo como artista, sobretudo por conta de sua percepção da semelhança entre as atitudes do poeta místico e suas próprias atitudes (idem, p. 4). E qual a concepção de ser humano que Gazy defende? Ele mesmo responde (2007b, p. 1):

(...) concluí que nossa civilização prima em primeira instância pelo trabalho (dinheiro) e depois, sem muita importância, com a questão da própria “humanidade” no sentido que dou, de gregário, fraterno, amoroso. (...) Assim, o ser humano, na minha visão, é como disse Teilhard de Chardin, um ser que está momentaneamente esquecido de sua condição cósmica, buscando, ainda que não o saiba, experimentar outro estado, para depois retornar de forma renascida e ampliada a um estado espiritual muito diferente do que nossa mente tridimensional possa conceber, e que está intimamente ligado ao fraterno e ao amoroso.

A concepção de ser humano de Gazy Andraus aproxima-se, pois, sob certos aspectos, da concepção de ser *complexus* defendida por Edgar Morin (2000, p. 59), isto é, um ser tecido mediante o cruzamento de inúmeros e diferentes fios. Assim, para Andraus, o homem é, corporal, cósmico, gregário, fraterno, amoroso, tri-cerebral (racional, intuitivo, administrativo), espiritual, consciente, necessitado de manter viva sua “criança” para desenvolver-se, mas, ao mesmo tempo é, irracional, inconsciente, capaz de negar-se por sua “adulter”, materialista, fratricida, com poder de deixar-se tomar pelo ódio e de deixar-se levar por uma vida sem sentido. Mas como é inacabado está sempre na possibilidade de desenvolver-se, evoluir, amadurecer e sair de uma situação de inconsciência ou de menor consciência e progredir para uma condição de consciência expandida, consciência cósmica, na qual perceba a ligação de interdependência que existe entre todos os viventes e, assim sendo, consiga viver de modo fraterno, alegre e amoroso. Nesta sua visão há influências de pensadores que Andraus estudou detidamente, a saber, Huberto Rhoden, Krishnamurti, Trigueirinho, Bergier, Teilhard de Chardin, Howard Vernon, William Blake, Lao Tse e, mais recentemente, Jung, Rupert Sheldrake, Stanislav Grof e Waldemar De Gregori. A este seu modo de compreender o ser humano corresponde, me parece, perfeitamente aquilo que William Blake anuncia em “Matrimônio do Céu e do Inferno” (2004, p.11): “Sem Contrários não há progresso. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência Humana”.

Se há coerência na afirmação de que toda visão de mundo é sustentada por uma determinada maneira de compreender o ser humano e suas relações com o mundo, então toda a obra criativa de Gazy Andraus – desde os temas que escolhe para explorar em

suas HQ até os trabalhos acadêmicos que redigiu e artigos que escreve, passando pelo processo segundo o qual sua produção é gerada – está fundada nesta concepção de ser humano que ele defende. É ela que lhe permite abordar, graficamente pela arte sequencial, um enorme repertório de temas – existenciais, espirituais e filosóficos – como: o sofrimento e a cruz, a morte, a esperança, o destino, o ego encapsulado em si mesmo, a mente humana, o feminino materno, a consciência planetária, a consciência cósmica, o imediatismo e o consumismo, o autoconhecimento, a tensão entre as polaridades masculina e feminina do ser, as lutas e contradições internas do ser humano, a fraternidade, a fratricidade, a evolução dos homens e dos animais, a espiritualidade, o inacabamento humano e a construção da liberdade. Da mesma forma é seu modo de compreender o ser humano, e de se compreender, que lhe permite um processo criativo no qual ao som de músicas, muitas vezes Heavy Metal ou Rock Progressivo, “abre” o canal do hemisfério direito de seu cérebro e vai recebendo, direto de sua intuição atenta ao cósmico, as imagens que vão compor a próxima HQ e que são desenhadas, sem esboços, com o traço de manequim livre e solto diretamente sobre o papel, numa já arte-final. Esta postura é também uma manifestação da influência do taoísmo (Andraus, 2007b, p. 5-6) na vida e obra deste artista que, coerente com esta visão de mundo, busca deixar fluir livremente em si as vibrações que sua sensibilidade consegue captar. É uma posição que, teórica e praticamente, se opõe àquela – fragmentadora, mecanicista e dependente do cérebro racional – que é característica do atual paradigma dominante em nossa cultura ocidental, o paradigma newtoniano-cartesiano (Grof, 1987, p.11-17).

#### 4. Apresentando uma HQ de Gazy: Hurizen.

Hurizen é uma HQ que compõe o volume 1 de *Homo Eternus* (1993). Produzida em 1990, em 10 páginas, tem seu personagem central, Hurizen, inspirado no personagem Urizen, de William Blake, do livro “The First Book of Urizen” (1794).

A página de abertura, página 23 do fanzine, traz em letras grandes desenhadas por Gazy Andraus, no topo da página e centralizadas, o título da HQ: HURIZEN (Fig. 1). O desenho mostra o personagem sentado sobre uma pedra, de costas e com a cabeça abaixada. Na pedra está gravado: “Meu pranto torna os lagos mais cheios”.



Fig. 1

A página 24 é uma composição de seis imagens, a partir de focos diferentes, de Hurizen. Os desenhos focam o corpo, o rosto de perfil, os olhos, a boca e um braço. As imagens não estão divididas pelos requadros habituais dos quadrinhos, mas por riscos “emaranhados” e “nervosos” que ajudam a imprimir dinamicidade às cenas. Com as expressões dos olhos, da boca, da mão e do corpo, Hurizen se apresenta: “Eu sou Hurizen. Meu nome é força! Eu domino! Eu crio! Eu ordeno! E eis que se cumpre!”.

A página 25 inicia-se com uma silhueta na qual se identifica Hurizen sentado, solitário, sobre a pedra, que já começa a se mostrar sob a forma de uma imensa coluna, ainda falando de si mesmo: “Eu sou Hurizen! Só eu domino!”. As cenas seguintes mostram Hurizen tendo sua solidão quebrada por quatro elementais (“Nós, Hurizen. Nós, os que jamais fomos criados, mas que sempre existem”) e reagindo indignadamente: “Quem é? Quem se atreve a mencionar meu nome? Quem lhes permitiu vir a mim? Que afronta é esta para com o onisciente?”. À sua reação os elementais o questionam: “Se é mesmo onisciente...Deus...como nem sabe a que viemos? Como nem soube quem éramos? Ou pior...como nem soube que viríamos?”. A última imagem desta página mostra o rosto irado de Hurizen, de perfil, exclamando: “Não ousem questionar meu poder!”.

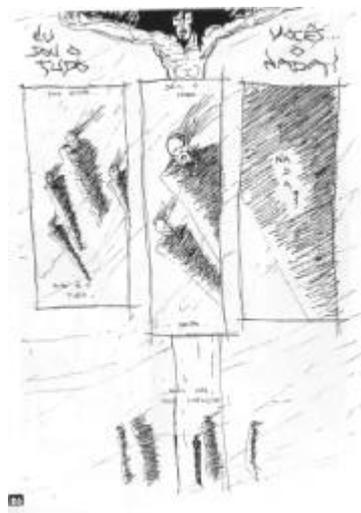


Fig. 2

A página 26 continua a mostrar o diálogo questionador/desconstrutor “imposto” pelos elementais (Fig. 2). No topo da página aparece um Hurizen “todo-poderoso”, de braços abertos, dizendo: “Eu sou o Tudo. Vocês o Nada!”. Os quadrinhos seguintes, três imagens em requadros que se superpõem à cena na qual Hurizen está de braços abertos (“todo-poderoso”) sobre a coluna de pedra, mostram os elementais trazendo novo questionamento: “Pois então...que é o Tudo...sem o Nada...senão...Nada? Sem nós, você inexistente!”.

A página 27 apresenta o início da “destruição” de Hurizen. São quatro imagens, sem requadros, nos quais Hurizen vai sendo tomado/envolvido pelos quatro elementais que dizem: “Sem nós você não domina...e se não domina...é dominado! Mas para quê quer ser dominador de tudo...se não domina...”. A última imagem mostra o início do desequilíbrio de Hurizen no topo da coluna de pedra.

A página 28 apresenta a continuidade do desequilíbrio de Hurizen: são três imagens (observe-se que Hurizen tomba numa seqüência de sete imagens, isto é, na dinâmica de um ciclo da existência humana) nas quais ele perde o equilíbrio, cai do topo e estatelase no chão (Fig. 3). Sabe-se por causa da onomatopéia na última imagem: BLAM! A fala dos elementais, em seqüência à anterior (“Mas para quê quer ser dominador de tudo...se não domina...”), prossegue, enquanto Hurizen cai: “...A si...mesmo?”. Esta mesma página mostra os elementais tomando a forma de uma “coroa” ou de uma “cabeça” que se cola à coluna de pedra.

O resultado desta junção começa a aparecer na página 29, na qual é possível entrever algo como um osso em *close* (Fig. 3).

A página 30 mostra a mesma imagem anterior, porém mais distanciada e é possível perceber uma mão esquelética próxima a um osso, possivelmente num chão de

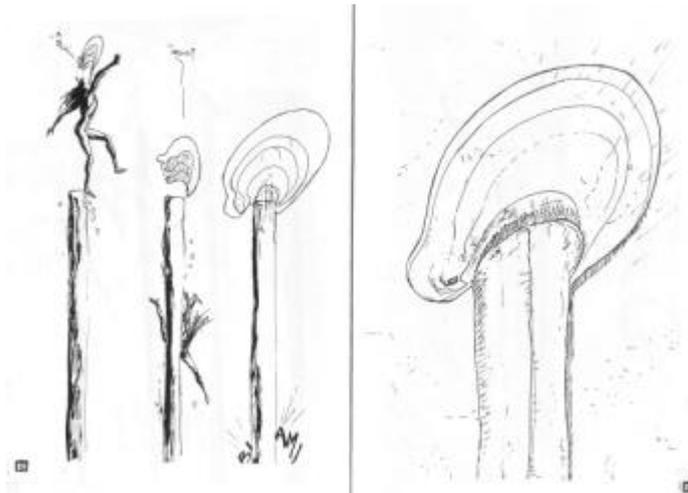


Fig 3

terra. Da “coluna” (seria a coluna dorsal de Hurizen?) transformada em osso se despreendem energias que revelam ali a presença dos quatro elementais: a água, o fogo, o ar e a terra.

A página 31, com o que seria uma câmera cinematográfica em *zoom out*, deixa ver claramente o esqueleto de Hurizen encoberto por terra e areia ao lado da “coluna” transformada em osso.

A página 32 fecha a HQ (Fig. 4). É a mesma cena anterior, porém, com maior distância, como num *zoom out* final. Da coluna, tomada pelos elementais e transformada em osso, brotam as seguintes palavras: “O que queima? O que molha? O que sopra? O que cobre?”. Logo abaixo do esqueleto soterrado de Hurizen está escrito: “O destino de todo



Fig. 4

Deus-Falso consiste em jazer sob as areias do solo. Os quatro elementos naturais (Água,

Fogo, Terra e Ar) se encarregam de pô-lo em seu devido lugar, visto que eles são a manifestação direta do verdadeiro Deus...o único Hurizen!”. A página termina com uma explicação do autor em letras minúsculas: “O nome Hurizen é inspirado na personagem criada pelo artista visionário do século XVIII William Blake (batizado por ele Urizen)”. Há assinatura de Gazy Andraus e a data: 1990.

## 5. Comentando a HQ HURIZEN.

Gazy Andraus considera este trabalho um dos melhores que produziu (Andraus, 2007, p. 5):

E então veio Hurizen. Esta HQ é simbólica. Nela já não há mais elaboração à lápis, é tudo direto à nanquim e caneta. Depois que a fiz, relendo, incluí mais uma página entre as finais para a seqüência ficar mais “cinematográfica”. Mas meu processo criativo nela sintetizou tudo o que eu vivia: o existencialismo, a opressão mental e espiritual, a solidão, o curso de artes e as informações, como os trabalhos de Blake. Mas eu também sentia arroubos espirituais internos, principalmente à noite! Partindo daquele desenho do sujeito na rocha, resolvi dar seqüência a ele, e me foram surgindo detalhes, sob influência até do desenhista Bill Sienkewicz (na forma dos 4 seres elementais que afrontam Hurizen). Toda a diagramação e estrutura da HQ é simbólica e criativa, tendo vindo direto no processo criativo. Minhas HQ lembram um pouco os desenhos taoístas, justamente porque são feitos direto à tinta, com o potencial do hemisfério direito aflorado, como fazem os taoístas ao pintarem e desenharem. Hurizen é uma metáfora quadrinhística e cinematográfica que me veio, a qual até hoje me assombro com a forma como ela resultou. Se eu a elaborasse racionalmente, tenho certeza que ela não teria tal força. Ela mostra a fragilidade do ego humano, e que temos que nos transcender para não perecermos na ilusão. De certa forma, a figura do Deus-falso Urizen de Blake, se re-manifestou no meu Hurizen. Tenho certeza que a essência e a premissa que Blake quis colocar em Urizen, eu refleti no meu Hurizen.

É uma obra forte, aberta e que considero, junto à “Retorno Evolutivo” e “Sina”, das melhores que produzi.

Esta é, portanto, uma HQ sobre a solidão e o sofrimento do ego encapsulado em si mesmo. A história abre-se com uma frase que faz referência à dor e ao sofrimento de estar só: “Meu pranto torna os lagos mais cheios”. A solidão de Hurizen não é uma solidão amorosa, mas sim rancorosa. Hurizen julga-se Deus, o onisciente, o todo-poderoso. Curioso “todo-poderoso” que está de costas para o mundo e para a vida, isolado sobre uma coluna de pedra sem comunicar-se! Hurizen é a expressão do desejo de ser o centro do poder e o centro do controle. Ao assim desejar e ao assumir a postura de quem é este centro, Hurizen, contraditoriamente, vai explicitando sua fragilidade, embora com a ilusão do poder. As seis imagens da página 24, ângulos diferentes de



Hurizen, permitem perceber também um Hurizen, fragmentado, aos pedaços. Perceba-se que a fragmentação é também uma das características principais do paradigma newtoniano-cartesiano que, num esforço de especialização e aprofundamento, acaba por perder a visão de conjunto. A fragmentação da percepção de si mesmo é tão ruim quanto a fragmentação da visão do mundo.

A dúvida introduzida pelo questionamento dos quatro elementais – os quatro elementos básicos e mais simples da natureza – vai promover a desconstrução da ilusão de Hurizen, pois este não consegue responder aos problemas que emergem do diálogo maiêutico dos quatro elementais. Os elementais ajudam a revelação, e autorevelação, da fragilidade de quem se pretendia onisciente. Hurizen acaba-se em ossos e areia, que simbolizam nossa historicidade/inacabamento e nossa impermanência.

À luz de Paulo Freire (1982) é possível dizer que é uma história que convida para o diálogo com os outros seres humanos, com os demais viventes e com o mundo. Inacabado, questionador, crítico e desejoso de “ser mais” o ser humano somente pode fazê-lo numa relação de diálogo e tolerância. Diálogo e tolerância que, se por um lado, não suprimem a racionalidade e a necessária percepção de que as pessoas são diferentes e vêem o mundo de maneiras diferentes, exigem, por outro lado, a amorosidade e a capacidade de compreensão, que apenas são possíveis quando o ser humano sai do isolamento do próprio ego. Na perspectiva de Grof, sair deste isolamento é uma tarefa que exige um permanente movimento de morte e renascimento: morte para as atitudes do ego encapsulado; nascimento para as realidades além do ego, realidades transpessoais que podem ser religadas ao mundo biográfico e cultural de cada indivíduo, trazendo a possibilidade de uma vida com maior capacidade de integração e realização.

## **6. Considerações finais.**

Ao concluir este trabalho quero trazer algumas considerações sobre a obra de Gazy Andraus que, conforme se demonstrou, é uma criação que pode ser identificada como HQ do gênero poético-filosófica.

O seu trabalho tem por fundamento uma compreensão holística e complexa (Morin, 2000) do ser humano, o que possibilita uma atenção do artista aos temas existenciais, espirituais e filosóficos da condição humana. Este mesmo fundamento holístico possibilita ao artista trabalhar com os hemisférios cerebrais direito e esquerdo de forma integrada, ainda que suas obras em HQ sejam uma expressão maior de sua atenção para com o hemisfério direito e o universo da intuição, da estética, da meditação



e da visão de síntese. O exercício da racionalidade, em Gazy Andraus, manifesta-se com mais força em seu trabalho como pesquisador reflexivo do campo das HQ, que se expressa em abundante obra composta de trabalhos acadêmicos e artigos.

A reflexão é uma das características centrais de seu trabalho em HQ que, por isso mesmo, pode ser entendido como uma provocação aos leitores. Provocação poético-filosófica. Provocação que nasce de uma visão crítica, espiritual e afirmativa da vida. Assim, é uma obra que pode trazer interessante contribuição para o processo de constituição “do si mesmo” neste momento de transformações culturais que vivemos. Ao provocar a reflexão filosófica – mesmo sem assumir como pontos de partida e chegada textos dissertativos, rigorosos e densos – a obra de Gazy Andraus pode ajudar o processo de despertar-se e construir-se em direção a uma vida com capacidade de autoria, autonomia e responsabilidade social e dialógica.

Gazy Andraus tem, no entanto, o desafio de continuar a produzir sua obra numa cultura cujo mercado oferece muitos obstáculos para acolhê-la e divulgá-la. Que o artista consiga manter vivo o entusiasmo apaixonado que vem demonstrando pelas HQ, por sua obra e pelo conjunto dos viventes, pois está aí um trabalho capaz de provocar transformações na direção de uma cultura com mais amorosidade, alegria e beleza.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRAUS, G. Homo Eternus. São Vicente: Fanzine/Edição do Autor, 1993. (4 volumes)

\_\_\_\_\_. Terra e Plantio. In: Revista Brazilian Heavy Metal. São Paulo: Comix, 1996, p. 67-70.

\_\_\_\_\_. Ternário M. E. N. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2001, p. 7-8.

\_\_\_\_\_. Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: o Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas). São Paulo: Universidade Estadual Paulista (Instituto de Artes Visuais – UNESP), 1999. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_. As Histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário. São Paulo: Universidade de São Paulo (Escola de Comunicações e Artes), 2006a. (Tese de Doutorado)

\_\_\_\_\_. História em Quadrinhos, Imagética e Infância. In: <http://www.ibacbr.com.br/artigos.php?dir=artigos&opc=013&idartigo=0013>. Último acesso em 19 de novembro de 2006 (2006b).

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Werner José Lisbôa Krapf. In: Anexo de E-mail de Gazy Andraus para Elydio dos Santos Neto, em 10 de maio de 2007, às 03:54, 2007a.



\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Gazy Andraus para Elydio dos Santos Neto, em 21 de maio de 2007, às 06:02, 2007b.

BLAKE, W. Matrimônio do Céu e do Inferno. São Paulo: Madras, 2004.

DE GREGORI, W. Os poderes dos seus três cérebros. São Paulo: Pancast, 1999.

FRANCO, E. S. Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.) As histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática. São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GROF, S. Além do Cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

MAGALHÃES, E. Poesia e Quadrinhos, In: Revista Mandala, n. 12, junho de 2000, João Pessoa: Marca de Fantasia, 17-18.

\_\_\_\_\_. Quadrinhos Poéticos: viagem obtusa aos meandros da alma, In: Revista Mandala, n. 13, junho de 2001a, João Pessoa: Marca de Fantasia, 19-20.

\_\_\_\_\_. Transcendência e poética visual. In: ANDRAUS, G. Ternário M. E. N. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2001b, p. 7-8.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Henrique Magalhães para Elydio dos Santos Neto, em 22 de maio de 2007, às 00:48, 2007.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.

PEREIRA Jr., L. C. Poesia em quadrinhos. In: Revista Língua Portuguesa, ano II, n. 18, abril de 2007, São Paulo: Editora Segmento, p. 22-27.

TORREIRO, H. [8] Expofanzines. Exposición Internacional de Fanzine e Prozines. IX Xornadas de Banda Deseñada de Ourense. Ourense : Phanzynex/Casa da Xuventude/IX Xornadas de Banda Deseñada/Xunta de Galicia, 1997.